

ADOLF HITLER

Líder amado



ADOLF HITLER

Líder amado

Oito artigos *sobre* Hitler
e

Sete poemas *de* Hitler
Compilado a partir do
O SEU APELO À LUTA
1990-1994

NSDAP/AO
Caixa postal 6414
Lincoln NE 68506 EUA
www.nsdapao.info & www.nsdapao.org

Índice

Introdução

Artigos *sobre* Adolf Hitler

Quem foi Adolf Hitler

Peregrinação

História de Natal

20 de abril

Adolf Hitler: líder do auto-sacrifício

O início

Adolf Hitler na guerra mundial

Uma confissão

Poemas *de* Adolf Hitler

Pensem nisso!

O camarada

Foi no meio do mato da floresta de Artois

Heroísmo silencioso

Cemitério de Waldehren em Pasewalk

No rádio

"Azul branco e preto e branco vermelho"

Introdução

Adolf Hitler foi certamente o líder mais amado de qualquer nação!

Este amor tornou-o tão bem sucedido. Este sucesso tornou-o tão temido pelo inimigo. É por causa desse medo que o inimigo o tem difamado ano após ano, década após década.

O amor não pode ser derrotado pelo ódio. A verdade não pode ser extinta pela mentira. A bondade não pode ser destruída pela maldade.

Um dia a maré vai mudar...

Gerhard Lauck
outubro de 1999 (110)

Quem foi Adolf Hitler?

por Michael Storm

O nosso Führer Adolf Hitler era um homem muito dotado. Desempenhou muitas tarefas extremamente árduas, incluindo as de senhor da guerra, líder político e fundador, para citar apenas algumas. Na minha opinião, o papel que foi mais considerado, o de senhor da guerra, não foi o *verdadeiro* Hitler; embora tenha desempenhado esta tarefa com todas as suas forças, ainda não era a sua verdadeira vocação (por exemplo recusou-se a converter a economia para a guerra total até 1943 - a Alemanha nem sequer tinha um plano de guerra e de armamento até então, sinal de que a guerra nos tinha sido imposta - e só em 1944 é que as mulheres foram chamadas para o serviço de armamento, porque ele esperava até ao fim poder acabar com a guerra sem perder o trabalho da sua vida).

Era certamente um líder político brilhante e um estadista dinâmico, mas para ele estas eram quase apenas aparências que ainda não o satisfaziam plenamente. Finalmente, após a crise de inverno na Frente Oriental, foi completamente relegado para o papel de comandante, que o Führer foi obrigado a assumir.

A natureza interior de Adolf Hitler, que conservou ao longo da sua vida, era a de um criador. A intenção deste artigo sobre o seu aniversário é abordar este aspeto. Contrariamente à imagem negativa que os media judeus deram ao nosso querido líder, ele foi, na verdade, o líder mais positivo e construtivo da história da humanidade.

Quando era adolescente, sonhava em tornar-se artista e chegou mesmo a ganhar a vida como artista independente. (Ver o livro *Adolf Hitler, The Unknown Artist*, #082 na nossa lista de livros em inglês). Foi apenas quando se candidatou à escola de arte de Viena que descobriu a sua verdadeira missão; a escola rejeitou a sua candidatura, mas disse que o seu futuro estava na arquitetura e que deveria candidatar-se a essa área. No entanto, apesar de ter as competências necessárias, não tinha o diploma de conclusão do ensino secundário para se tornar arquiteto, pois tinha abandonado a escola pouco depois da morte do pai.

No entanto, durante toda a sua vida, Adolf Hitler continuou a ser um artista, desenhando casas, estádios, pontes e até redesenhando cidades inteiras. Cada uma destas criações tem a marca do seu verdadeiro eu. Mais tarde, coube a Albert Speer, na qualidade de arquiteto-chefe do Reich do Führer, concretizar ideias, esboços, desenhos e modelos.

Por toda a Alemanha surgiram edifícios magníficos, tal como o Führer tinha sonhado. O seu programa de construção durou de 1933 a 1943! Mas a Alemanha não dispunha de mão de obra e de matérias-primas suficientes para realizar uma fração dos projectos planeados durante esses 10 anos. O rearmamento da Alemanha obrigou então a interromper o programa de construção em 1944. Em 1938, a França ainda gastava mais em armamento do que o Reich alemão! Em 1939, foi gasto mais dinheiro na RAF britânica do que Hermann Göring na Luftwaffe alemã e, em 1940, a França tinha o dobro dos tanques modernos da Alemanha! E estas duas democracias "amantes da paz" eram as

mais fracas da coligação aliada que cercou a nossa pátria na guerra mais monstruosa que a humanidade alguma vez viu. No entanto, foram precisos seis anos - EUA, URSS, Grã-Bretanha, etc. - para derrotar a pequena Alemanha.

Obviamente, a construção de auto-estradas e edifícios, bem como o embelezamento urbano em geral, era uma prioridade muito elevada para o Führer. Mas mesmo estes projectos gigantescos não dão uma demonstração suficiente da natureza interior do Führer - era muito mais do que isso!

Quando Adolf Hitler se tornou o sétimo membro do partido como um desconhecido, começou imediatamente uma campanha que transformou um obscuro partido dissidente num movimento abrangente, como podemos testemunhar de forma impressionante no filme de Leni Riefenstahl *O Triunfo da Vontade*. Nada disto poderia ter acontecido sem o impulso interior do líder. Transformar o partido num verdadeiro movimento não foi tarefa fácil, especialmente porque era preciso resistir a inimigos poderosos a toda a hora. Quando o braço político do partido contava finalmente milhões de membros, o Führer fundou várias sub-organizações para que cada membro pudesse encontrar uma tarefa de acordo com a sua própria providência. Os grupos mais conhecidos foram as SS, as SA e o HJ. Mas existiam dezenas de outras organizações muito maiores, que apoiavam trabalhadores, agricultores, estudantes, etc. Os seus membros ultrapassavam os dois milhões das SA. O génio do Führer sabia que as pessoas tinham de estar unidas pela causa nacional, e tudo isto uniu e ligou as pessoas como nunca antes ou depois as pessoas estiveram unidas.

O Führer não só fundou o movimento mais abrangente da história mundial - nas piores condições possíveis - como também criou a economia mais forte da Europa. Quando o Führer tomou o poder, em 30 de janeiro de 1933, a economia alemã estava queimada, um destroço fumegante. A taxa de desemprego era de 25%, o Reichsmark não tinha qualquer valor, o comércio internacional tinha sido inviabilizado pela depressão mundial e a Grã-Bretanha recusava-se a permitir o acesso da Alemanha ao mercado mundial. Até a união aduaneira com a Áustria tinha sido proibida pelo vergonhoso Tratado de Versalhes. Em suma, a Alemanha estava desamparada e rodeada por um muro de protecção de nações hostis. A Alemanha permaneceria para sempre uma escrava económica. Para acrescentar insulto à injúria, os judeus do mundo - com sede em Nova Iorque - declararam guerra à Alemanha nazi (março de 1933!). Apelou a um boicote mundial contra a Alemanha, utilizando todo o poder financeiro judaico e todas as suas ligações políticas em todo o mundo.

O líder, no entanto, não se deixou impressionar pela tarefa aparentemente sem esperança que enfrentava. Sem hesitar, assumiu a liderança de um Estado sem rumo e iniciou a tarefa hercúlea de construir uma nova economia nacional. Com uma rapidez incrível, o Führer transformou a economia mórbida da República de Weimar numa economia vital, forte e dinâmica. Milhões de homens puderam voltar a trabalhar, as famílias puderam finalmente começar de novo.

Uma verdadeira torrente de esperança impregnava todas as fábricas. Em 1938, a Alemanha era finalmente a principal potência económica da Europa - e, portanto, o inimigo mais odiado da Inglaterra e da França. De facto, havia mesmo falta de mão de obra na Alemanha, de tal forma que até italianos, franceses e polacos vinham para o Reich para alimentar as suas famílias no seu país!

Infelizmente para a paz mundial, só a Alemanha nacional-socialista se libertou das

garras judaicas da depressão mundial. Em 7 de dezembro de 1941, os EUA ainda estavam nas suas garras e a Inglaterra nunca conseguiu libertar-se delas. A guerra só foi possível graças ao Halle dos EUA e a um racionamento rigoroso e, depois da guerra, a Inglaterra voltou a afundar-se na depressão de antes da guerra - e o Império também desapareceu.

Por mais extraordinárias que tenham sido estas realizações de Adolf Hitler - a renovação das cidades, do partido, da economia, o estabelecimento de um (genuíno!) Estado-providência - nem sequer foram o coroamento da vida do Führer. Nos anos 30, o maior estadista alemão assegurou repetidamente aos chefes de governo estrangeiros que o nacional-socialismo não era uma ideologia de exportação (como o bolchevismo judaico) que invadia todos os países para os conquistar para um super-Estado marxista. A revolução nacional-socialista era uma revolução alemã e as outras democracias plutocráticas degeneradas não tinham nada a temer. Mas tinham medo! Não tinham medo porque supunham que Hitler iria cair sobre elas, não, tinham medo porque era possível que a obra de Hitler pudesse encontrar imitadores noutros países. Foi por isso que tiveram de esmagar a florescente Alemanha o mais rapidamente possível, antes que o mundo se apercebesse de quão benéfico é o nacional-socialismo!

O ódio judaico ao ressurgimento da pureza ariana culminou numa guerra mundial em que a Alemanha livre teve de lutar contra os fantoches do judaísmo internacional. No entanto, mesmo no auge da guerra, mesmo quando a superioridade dos inimigos da Alemanha se tornava cada vez mais clara, centenas de milhares ainda se juntaram à bandeira nacional-socialista para lutar não só pela Alemanha, mas por uma nova, saudável e justa ordem mundial. O seu objetivo era estabelecer uma Europa ariana unida.

No início, Hitler não pensou muito nisso. Ele só queria que a Alemanha pudesse viver em paz. Mas depois tornou-se claro que a guerra não podia ser contida, tornou-se claro que só podia ser ganha se os povos arianos se unissem contra o inimigo judeu do mundo. A pequena Alemanha teria sido a força motriz de uma Europa ariana, de Lisboa a Moscovo. Caso contrário, tornar-se-ia um peão dos judeus de Wall Street nos EUA e dos judeus bolcheviques na URSS, o que tem sido até hoje.

O General Leon Degrelle conduziu as suas tropas belgas das Waffen SS para a Frente Oriental. Lutaram pelo lugar da Bélgica numa Europa pan-ariana. Corneliu Codreanu preparou-se com a sua "Guarda de Ferro" romena, enquanto a Espanha enviou a "Divisão Azul", constituída por voluntários, para combater o comunismo.

Leon Degrelle, que vive em Espanha desde que foi condenado à morte na Bélgica, era tido na mais alta estima por Hitler. Em 1945, chegou mesmo a dizer que, se tivesse um filho, queria um como Leon Degrelle!

No final da guerra, o Führer tinha finalmente criado um movimento pan-ariano que contava com centenas de milhares de pessoas que não só apoiavam o movimento, como lutavam por ele e davam o seu sangue pela grande ideia nacional-socialista, mesmo nas desesperadas horas finais da guerra. O Führerbunker em Berlim foi defendido pelos últimos voluntários estrangeiros das Waffen-SS. Voluntários das Waffen-SS. O incrível feito de unir a Europa, que sempre esteve dividida, contra o comunismo foi o coroamento do sucesso de Hitler. Atualmente, o sonho de uma ordem mundial natural, não capitalista e ariana saudável tem seguidores em todo o mundo, que são agora milhões.

Adolf Hitler foi, sem dúvida, o maior de todos os líderes. O seu conceito de paz mundial e de justiça mundial, baseado numa ordem de nacional-socialismo ariano, é um legado para nós. Todos os brancos devem, finalmente, ver-se como uma irmandade,

defender os dons do seu génio coletivo, do seu trabalho e da sua superioridade racial contra a peste negra que chega de África e devasta o mundo, contra os mestres de marionetas sentados em Israel, em Wall Street, em Bona e que mantêm a paz através da qual os povos brancos devem ser estrangulados.

O dia 20 de abril é o aniversário do nosso querido Führer Adolf Hitler. Enquanto todos os simpatizantes, apoiantes e activistas celebram, perguntem-se: *"O que posso fazer para ajudar a completar o importante trabalho do Führer? O que é que eu posso fazer para assegurar a sobrevivência das raças arianas deste mundo hostil e corrupto?"*

Em memória do sonho do nosso Führer Adolf Hitler de uma raça ariana unida. - Heil Hitler!

Peregrinação

de Katti

"Hoje, considero um destino feliz o facto de o destino ter escolhido Braunau am Inn como local de nascimento. Afinal, esta pequena cidade fica na fronteira dos dois Estados alemães, cuja reunificação parece ser, pelo menos para nós jovens, um trabalho de vida a ser realizado por todos os meios necessários!"

Adolf Hitler, *MEIN KAMPF*, Volume 1, Capítulo 1

Comecei a sentir os milhares de quilómetros e os três dias de viagem de avião, ferry e comboio desde Chicago, quando o meu comboio partiu de Salzburgo e atravessou uma paisagem verdejante de rios prateados entrelaçados com casas de gengibre. Nuvens negras e cinzentas pairavam sobre as montanhas primitivas, revelando e obscurecendo alternadamente os seus picos recortados - um panorama maravilhoso, dramático e em constante mudança da Alta Áustria. No entanto, eu estava mais cansado do que feliz e ansiava por uma cama quente numa estalagem amigável.

A minha exaustão evaporou-se e uma descarga de adrenalina reabasteceu as minhas baterias metabólicas quando o comboio parou na paragem seguinte, chamada "Braunau am Inn". Embora estivesse a planear chegar a esta cidade medieval há vários meses, ver o nome da estação pela primeira vez a partir da janela do comboio foi uma verdadeira emoção. Tinha conseguido! Estava mesmo lá! Com a mochila às costas, percorri, sob um aguaceiro frio, alguns quilómetros desde a estação até à deserta Linzer Straße, onde procurei o Maybräu Gasthof. Tive sorte. A proprietária disse-me que todos os outros lugares em Braunau e nos quilómetros circundantes já estavam reservados, muitos deles há meses. "Não me surpreende", disse eu em segredo, e ela sorriu. "O mundo inteiro está cá este mês." "O quê?" Fiquei sem palavras. "Espera e verás. Vais ver!" E deixou-me sozinho no meu pequeno e acolhedor quarto a refletir sobre o seu enigma.

Acordei ao amanhecer com uma manhã que ainda estava húmida devido aos aguaceiros de ontem. Mas a cidade estava cheia de atividade urbana e fiquei maravilhado com a maravilhosa e harmoniosa mistura de lojas e casas modernas com a arquitetura e as ruas tradicionais de séculos passados. Caminhei até ao fim da Linzer Straße, que dava para uma animada praça de mercado medieval. Na sua extremidade sul, encontrava-se a Porta de Salzburgo, um arco maciço que guardava a entrada original de Braunau há 500 anos. Do outro lado, a ponte rodoviária atravessa um pequeno afluente do Inn. A cerca de 150 metros do portão, encontra-se um grande edifício branco e simples, atualmente ocupado por inquilinos. Foi por causa deste edifício, na verdade discreto, numa cidade austríaca desconhecida, que eu vim do outro lado do mundo para o visitar. Porque foi aqui, nesta casa nos subúrbios de Salzburgo, que nasceu o maior filho do mundo, e eu viajei até aqui para celebrar o seu 100º aniversário.

No entanto, não estava sozinho quando, no dia seguinte, soube que as unidades regulares e as tropas especiais do exército austríaco tinham ocupado subitamente toda a cidade de Braunau am Inn. A via de transporte sobre a ponte para a fronteira alemã foi

cortada e as pessoas que entravam na cidade tinham de apresentar um certificado de estabelecimento. Um helicóptero do exército fazia a sua ronda enquanto dezenas de veículos blindados de transporte de tropas passavam pela praça do mercado. Em cenas que faziam lembrar os filmes de propaganda de Hollywood dos anos 40, soldados com submetralhadoras pavoneavam-se entre os residentes confusos e figuras de capacete, com oficiais armados de pistolas, tomavam posições nos pontos de vigia. Cartazes espalhados por toda a cidade proclamavam, em tom inequívoco, que Braunau estava sob lei marcial. A partir das 14h00 de quarta-feira e até às 09h00 de sexta-feira, é proibido qualquer tipo de manifestação pública, avisam os cartazes do Governo. Falar alto para mais de duas pessoas, reunir-se na rua ou fazer piquetes no passeio, distribuir panfletos, gritar palavras de ordem e até mesmo pessoas "suspeitamente vestidas" eram motivo de prisão imediata e de processo judicial ao abrigo da legislação "anti-nazi" da Áustria.

Os adeptos da democracia, satisfeitos consigo próprios, comportam-se como as suas caricaturas malélicas de "fascistas totalitários". No entanto, pouco antes da sua chegada, a cidade foi inundada por "forasteiros" de toda a Europa e América, e até da Austrália, África do Sul e Oriente. A pobre Braunau encheu-se de visitantes e o ambiente tornou-se cada vez mais pesado devido à espera tensa. Os rumores espalham-se por todo o lado. Dizia-se que comandos de lobisomens içariam uma bandeira com a suástica sobre a Porta de Salzburgo à meia-noite. Acreditava-se que assassinos judeus percorriam as ruas à noite. Terroristas de Milão teriam incendiado o retrato de Simon Wiesenthal em frente à casa do presidente da câmara. A inquietação do público não se dissipou quando as tropas governamentais montaram uma barricada através da Porta de Salzburgo, demarcando assim o bairro antigo com a sua zona proibida. Através da arcada, podia ver a rua mais além, assustadora devido ao seu vazio forçado.

Ao fim da tarde, a praça do mercado estava praticamente deserta, apenas com os soldados nos seus postos. Por outro lado, todos os bares e restaurantes estavam cheios de gente alegre a festejar. Pouco antes da meia-noite, as coisas começam a acontecer. No Hotel Gann, não muito longe do Salzburger Tor com a sua barricada, alguém pediu garrafas do melhor champanhe da casa e foram-se fazendo brindes e desejos de aniversário. No Ratskeller da minha estalagem Maybräu, um jovem rodeado de estudantes universitários de Munique levantou-se na mesa ao meu lado, ergueu o braço direito numa saudação proibida e gritou a plenos pulmões: "*Pelo Grande Reich Alemão, Sieg Heil! Sieg Heil! Sieg Heil!*". Ninguém o incomodou, nem aos seus companheiros.

Como estava sozinho, a minha celebração foi bastante tranquila. Dirijo-me à praça do mercado, que se encontrava vazia, e sento-me num banco debaixo do grande relógio da aldeia. Olhei para o céu. As nuvens que tinham coberto a maior parte da Europa Central durante semanas estavam a desaparecer e as estrelas agora visíveis dançavam incansavelmente para as suas posições fatídicas enquanto os pulmões metálicos do relógio sinistro proclamavam pesadamente a meia-noite. Estar neste lugar e neste momento - não há palavras para o descrever. Quando a última badalada ecoou na eternidade, carreguei no botão de play do meu pequeno leitor de cassetes. O Badenweiler, a sua marcha preferida, tocava nos meus auscultadores.

Na manhã seguinte, a praça do mercado estava repleta de pessoas expectantes. Todos pareciam estar à espera, à espera - mas de quê? De quem? Era como se ele próprio aparecesse a qualquer momento, provavelmente de pé, num grande Mercedes preto. Talvez estivessem à espera de algo assim. O espírito vivo, a presença emocionalmente

tangível de um homem que, quarenta anos após a sua morte física, chama a atenção do mundo para o seu local de nascimento, tornou-se mais intenso e revelou-se com mais força.

Por volta do meio-dia, um grupo de fascistas italianos apareceu misteriosamente no meio da multidão. Um deles - desafiando a presença esmagadora dos funcionários - começou a falar. *"Desejamos um aniversário ao maior herói da raça branca! Ele vive para sempre nos corações e nas mentes dos seus irmãos e irmãs de sangue! Não à tirania judaica!"* - Os soldados precipitaram-se para ele e para os seus camaradas, mas não sem antes fazerem uma saudação aos espectadores atónitos. Alguns, na multidão, atreveram-se mesmo a fazer a mesma saudação. Outros aplaudiram e alguns até começaram a cantar a velha canção das SA "Brothers in Collieries and Pits", obviamente como uma resposta espirituosa ao breve discurso dos italianos sobre "irmãos de sangue". A polícia chegou mesmo a deter estes respondentes, o que é uma grande detenção nesta parte do mundo.

A minha pequena celebração teve lugar por detrás deste tumulto, nos terrenos da igreja paroquial da bela catedral do século XV, a Catedral de Santo Estêvão. Primeiro, desci até ao memorial subterrâneo adjacente às vítimas da guerra, um epitáfio público gravado nas paredes com os nomes dos que morreram em Braunau. No centro da sala, encontra-se um soldado simbólico, que dorme numa morte heróica. Na parede norte, encontra-se um quadro de honra dos guerreiros que morreram em Estalinegrado. Aqui, coloquei um ramo de flores com a inscrição "E, no entanto, foste vitorioso!". Ao subir os degraus para o exterior, passei pela igreja paroquial, onde coloquei uma coroa de flores com o seu retrato no centro do altar e acendi a vela superior do sacrifício.

Enquanto reflectia sobre o banco, reparei que uma senhora idosa entrou e reparou na minha coroa de flores com a fotografia, mesmo no altar. Apesar de ter ficado obviamente impressionada com a sua descoberta, deixou a coroa de flores repousar. Outras pessoas entraram e viram-na com um espanto aberto, mas deixaram-na intacta.

Fui às traseiras da catedral para ver a antiga pia batismal onde a criança foi baptizada e depois voltei para a luz do sol do mercado cheio de gente. Estes acontecimentos simples e tranquilos não podem transmitir, na sua riqueza reveladora, a natureza profundamente comovente e a profunda experiência emocional daquele dia, seguramente o dia mais interiormente inspirador da minha vida. Até esse dia de abril, eu duvidava muito das nossas perspectivas de sucesso. Esta catástrofe incomensurável - perder a Segunda Guerra Mundial - parecia irrevogável. Desde o triste fim dessa catástrofe para a civilização da Terra, o movimento tem lutado, caído e recomeçado a lutar numa era em que as forças hipnotizantes do mal parecem invencíveis.

Mas nesse dia 20 de abril, no centésimo aniversário do seu nascimento, na sua terra sagrada, apercebi-me, passo a passo, de que tinha sido tacanho ao limitar a minha apreciação do desenvolvimento e da progressão do movimento ao meu modesto horizonte temporal. A sua ideia é um conceito ETERNO. As consequências históricas que ele desencadeou são uma onda crescente de eventos que ganharão um impulso insuprimível através dos anos até o futuro distante. O nosso movimento é a aplicação das leis da natureza às esferas humanas, e a natureza é onipotente. Por vezes, pode ser repugnante e as suas forças acumulam-se em desespero, apenas para irromperem mais tarde, talvez mais violentamente do que nunca.

Depois de as autoridades terem removido as barreiras à sua casa, a 21 de abril, as multidões juntaram-se como muçulmanos à volta da pedra sagrada de Meca. Eu estava no

meio de muitos estranhos, mas de repente sentimos uma ligação uns com os outros, nós, irmãos e irmãs da suástica, e estarmos juntos neste lugar venerado foi como um regresso a casa. O seu espírito envolveu-nos a todos, fez de nós seus camaradas e encheu-nos de confiança para o futuro. O simples facto de termos vindo todos a este lugar, vindos de todo o mundo, nesta altura específica, num mundo hostil, era prova suficiente de que a ideia ainda estava viva! Foi, como ele disse no filme "O Triunfo da Vontade" - o "comando dos nossos corações" que nos uniu. Sentimos um orgulho único por sabermos que as gerações futuras nos invejarão, a nós que nos reunimos aqui neste momento único para acender uma vela de aniversário rodeada por uma vasta noite de ignorância e maldade. Desta chama emanará um farol para iluminar os nossos parentes de sangue e um fogo para incinerar os poluidores da nossa posteridade.

Eu tinha vindo a Braunau para lhe oferecer as insignificantes celebrações que possuía em honra da sua memória. No entanto, ele deu-me um presente maior do que a vida - uma fé renovada e inabalável na nossa vitória inevitável e absoluta. Heil Hitler! Milhares de vezes Heil Hitler!

História de Natal

Talvez seja difícil para nós compreender o quanto Adolf Hitler gostava do seu povo, mesmo nos primeiros anos da sua luta a favor do povo. Uma indicação reveladora do verdadeiro afeto que o rodeava desde o início foi preservada pelo biógrafo oficial do partido, Heinrich Hoffmann, que recordou um incidente perspicaz que teve lugar em Munique pouco antes do Natal de 1923. Pouco mais de um mês antes, dezasseis camaradas tinham sido mortos a tiro em frente ao Feldherrnhalle. O movimento tinha sido destruído pela tentativa de golpe de Estado de 9 de novembro; os seus membros estavam mortos, escondidos ou, como o Führer, presos. Com a centelha de esperança extinta, afogada em sangue, a Alemanha do pós-guerra afundou-se novamente no desespero cinzento do caos social, da ruína económica e da decadência cultural. Este era agora o cenário para a cena que Hoffmann conta naquele dezembro sombrio de há 68 anos...

Os artistas do movimento hitleriano planearam celebrar o Natal no Café Blüte, na Blütestraße, com um *quadro vivo* com a inscrição "*Adolf Hitler sob custódia*".

"Foi-me dada a tarefa de encontrar um duplo adequado para Hitler. Aconteceu que me deparei com um homem que se assemelhava muito a ele. Perguntei-lhe se queria participar neste *tableau vivant* e ele aceitou.

"O grande salão do Blüte Café estava cheio de gente. Um silêncio espantoso caiu quando a cortina subiu, revelando uma cela de prisão no palco semi-escuro. Por detrás da pequena janela gradeada, viam-se flocos de neve a cair. Um homem estava sentado numa pequena mesa, de costas para o público. Um coro masculino invisível cantava *Silent Night, Holy Night*.

"Quando a tensão da última nota se dissipou, um pequeno anjo entrou na cela com uma árvore de Natal acesa, que foi gentilmente colocada na mesa do homem solitário.

"Lentamente, 'Hitler' virou-se até estar a olhar o público na cara. Muitos pensaram que era mesmo o próprio Hitler e um soluço percorreu a sala.

"As luzes acenderam-se e vi pessoas à minha volta com os olhos molhados e lenços que desapareciam rapidamente."

Fonte: *Hitler was my friend*, de Heinrich Hoffmann, Burke Co, Londres.

20 de abril

de Lieselotte

Os nacional-socialistas de todo o mundo celebram hoje o aniversário do seu líder Adolf Hitler.

O líder que, perante a traição de 1918, criou uma visão do mundo, um movimento ao qual pertenceram milhões de pessoas. Comemoramos um líder que arrancou a Alemanha do pântano da fraternização internacional e restaurou a consciência nacional do povo alemão. Comemoramos o líder que, sob a bandeira vermelha e brilhante da suástica, liderou os povos arianos da Europa contra as hordas asiáticas controladas pelos judeus-bolcheviques, que lutou contra o parasita judeu internacional das nações e que acabou por ser vítima de uma conspiração internacional de judeus, capitalistas e bolcheviques.

Adolf Hitler, o líder da Alemanha Nacional Socialista, o líder do mundo ariano, está morto. Ele caiu na luta contra o inimigo judeu-bolchevique do mundo. O seu corpo repousa na Chancelaria do Reich, onde conduziu o destino do povo alemão durante doze anos, onde enfrentou o inimigo até ao último segundo. Adolf Hitler não se demitiu, nem capitulou, mas entrou no Valhalla como líder do povo alemão. O cadáver do Führer não podia ser detido contra a multidão de ocupação incitada pelos judeus. O Führer foi assim poupado ao que foi feito ao Duce do povo italiano pelos judeus despojados da sua máscara humana.

A Chancelaria do Reich foi explodida, o Berghof foi vandalizado e o recinto da conferência do partido em Nuremberga foi desmantelado. Todos os monumentos foram destruídos, as ruas mudaram de nome, os escritórios do partido foram confiscados, as bandeiras e os estandartes, os uniformes, o equipamento e os livros foram queimados. Não foi deixada pedra sobre pedra para erradicar tudo o que fizesse lembrar Adolf Hitler, o Terceiro Reich alemão, a sua grandeza e esplendor, com uma precisão sem paralelo.

Agora que tudo o que outrora tinha tornado o nosso povo grande e forte tinha sido demolido, destruído e aniquilado sob o regime de um bando internacional de criminosos, acreditava-se que tinha chegado o momento de transformar o povo alemão em capangas dessa raça criminosa para sempre.

Se este bando de parasitas e de bandidos, estreitamente ligados por laços de sangue, acredita que destruindo os valores materiais e os emblemas de um movimento, massacrando os seus líderes, o aniquilou de uma vez por todas, então que se diga a estes bandidos internacionais: o povo alemão prefere perecer a submeter-se sem luta à escravatura de uma raça inferior que chegou ao poder através da especulação, do belicismo e do genocídio!

O NSDAP não capitulou e não capitulará no seu confronto com os judeus internacionais! O que aconteceu em 8 de maio de 1945 foi um ato de bufonaria militar-burocrática a que a liderança militar da época teve de se submeter sob a pressão da máfia ocupante que se tinha infiltrado no nosso país através da traição nas suas próprias fileiras. Não nos interessa de todo o que e como foram negociadas as coisas em 8 de maio de 1945. Não temos de tratar aqui de questões de direito internacional e de convenções internacionais, que, de qualquer modo, só existem no papel ou que, na melhor das

hipóteses, são interpretadas da forma mais favorável ao vencedor, mas temos de lutar livremente pelo nosso país, temos de limpar o nosso país da influência estrangeira, temos de proteger o nosso povo da decomposição baseada no sangue. Temos de eliminar a influência dos factores judaicos e, por último, mas não menos importante, temos o dever sagrado de levar a cabo a honrosa tarefa de chamar à responsabilidade a raça que por duas vezes mergulhou o mundo na guerra. Milhões e milhões de homens, mulheres e crianças foram vítimas, por duas vezes em 25 anos, da vingança, da ganância pelo lucro e do domínio do mundo por parte de uma raça inculta.

A mesma raça criminosa não hesitará em desencadear uma terceira guerra mundial se os seus planos de domínio do mundo forem postos em causa, expondo assim mais uma vez milhões de pessoas a uma miséria indescritível. Por isso, confessamo-lo abertamente: O nosso objetivo é evitar uma tal catástrofe - seja por que meios for.

No que se refere à solução final para a questão judaica no Terceiro Reich, basta-me olhar para a massa de especulação, de extorsão e de membros do submundo para perceber que não houve qualquer solução final para a questão judaica. A peregrinação dos reformados e as colónias judaicas nos EUA, na Europa e na América do Sul são exemplos vivos da inexistente solução final. Neste contexto, não temos de nos preocupar em encontrar a verdade ou mesmo em fazer uma "discussão factual". Com que objetivo? Para fazer favores a alguns moralistas sem mundo - Deus sabe que não temos tempo para isso.

Há testemunhas de que nenhum judeu foi gaseado no Terceiro Reich. Não existe, no entanto, qualquer material fiável que prove o contrário. Os relatórios da Cruz Vermelha Internacional também corroboram as declarações sobre o tratamento humano dos judeus. Mas acreditar que poderíamos voltar a cair num erro destes significaria que nós, Nacional-Socialistas, somos de facto inatingíveis.

Agora, os nossos adversários vão atacar o mundo - como fizeram há quarenta anos - com uma torrente de frases democráticas sobre humanidade, humanismo e magnanimidade, e vão proferir os seus slogans moralistas. Pergunto a esses opositores: onde estava a vossa humanidade quando transformaram a florescente paisagem cultural europeia num monte de ruínas? Onde estava a vossa humanidade quando milhões de pessoas no Leste foram brutalmente massacradas por hordas sub-humanas? No Ocidente, as nossas mulheres e crianças morreram sob a saraivada de bombas incendiárias e de fósforo. Centenas de milhares de camaradas de partido foram assassinados depois de 1945, outros foram deportados, condenados ou aleijados. Foi isso uma expressão da vossa moralidade?

Inúmeros europeus tiveram de passar pela mesma provação por terem participado na luta contra o inimigo mundial judeu-bolchevique, como patriotas e europeus conscientes. Só trezentos mil italianos e cento e cinquenta mil franceses foram massacrados pela turba incitada pelos judeus. Inúmeros são os que ainda hoje trazem nos seus corpos as marcas dos maus tratos sofridos.

Será interessante ver como os apóstolos internacionais da irmandade das nações se defenderão perante estes crimes colossais quando forem chamados a prestar contas. Por mais frases e mentiras que os estadistas democráticos tentem usar para se safarem, eles e a raça que os apoia não escaparão ao seu destino!

Os interessados podem ter a certeza de que isto não é apenas uma frase. O judaísmo internacional pode ter conseguido intoxicar-se com o sangue de povos exteriormente

derrotados, mas não conseguiu provocar o colapso do edifício intelectual do nacional-socialismo. O Führer pode ter caído em combate, e todos os escritos ideológicos do movimento - como tudo o resto - podem ter sido queimados e proibidos. Mas o nacional-socialismo está enraizado nas profundezas mais profundas e ganhou vida. Mesmo que o nosso líder esteja fisicamente morto, o seu espírito está ainda mais vivo. O líder da Alemanha nacional-socialista está entre nós, não em forma física, mas através da ideia nacional-socialista, que só ele encarna.

Através da sua obra seminal *Mein Kampf*, dos seus discursos e ensaios, o Führer forneceu-nos a base ideológica, política e estratégica sobre a qual devemos atuar ao longo dos tempos.

Os sistemas políticos serão estabelecidos e derrubados, os políticos virão e irão, mas o Führer e a sua obra serão a base da existência do povo alemão e do mundo ariano para sempre!

O dia 30 de abril marcou o 33º aniversário do dia em que o Führer e Chanceler do Grande Reich Alemão ditou o seu testamento na Chancelaria do Reich, sob a proteção das tropas das SS alemãs e europeias, perante uma situação que se tinha tornado desesperada devido à traição e cobardia nas suas próprias fileiras, e faleceu com a sua mulher. Hoje, 32 anos após a morte do Führer, temos o seu testamento político. Este último testamento do nosso Führer fala da clarividência e da confiança que o caracterizavam.

Trinta anos depois de ter sido escrita esta última declaração de vontade do nosso Führer, o movimento nacional-socialista ergueu-se de novo de acordo com esta última vontade. Apoiado por uma geração jovem, o movimento de Adolf Hitler está pronto para cumprir a vontade do seu condutor. Em nome e por conta do nosso condutor, esmagaremos esta entidade judaica "FRG" no coração da Europa e eliminaremos os seus apoiantes pela raiz. Construiremos o quarto santo Reich alemão de honra, glória, grandeza e justiça e cumpriremos assim a vontade do nosso Führer - o renascimento radiante do movimento nacional-socialista.

Juramos lealdade eterna a si, Adolf Hitler, até depois da morte. Juramos-te, Führer, não descansar e não descansar até que a última vontade seja cumprida. Com determinação fanática, nós, Nacional-Socialistas, cumpriremos as tuas últimas instruções e levaremos à justiça os responsáveis pela tua morte e pela morte de milhões de arianos. Estamos preparados para morrer em vez de quebrar este juramento.

Neste momento, vemo-nos numa comunidade de solidariedade com legiões de nacional-socialistas de todas as nações. Todos eles reconheceram: Ou o judaísmo internacional usurpará o domínio mundial e todos os povos arianos perecerão ou os povos arianos livrar-se-ão do seu regime judaico. Nós, que temos Adolf Hitler como nosso líder, não permitiremos que sejamos eliminados voluntariamente e sem luta! O povo alemão prefere perecer a tornar-se o berço de um bando internacional de chantagistas! Uma nação que não esteja preparada para defender a sua liberdade de forma constante e contínua ou que não seja capaz de voltar a lutar por ela perdeu o direito à existência!

O Führer nunca deixou qualquer dúvida de que o confronto com os judeus internacionais é uma questão de existência, de vida. Das ruínas dos nossos monumentos culturais, o movimento de Adolf Hitler ergueu-se de novo para continuar a luta pela liberdade alemã, a unidade europeia e a comunidade ariana das nações. Os próximos anos trarão a decisão.

Os nossos adversários, bem como os nossos amigos e simpatizantes, devem ser claros quanto a uma coisa: para nós, a capitulação não existe. Essa palavra não existe para nós. Para nós, é a vitória ou a derrota, não há alternativa. Se formos derrotados nesta luta pela liberdade das nações, então as fileiras dos nossos adversários serão grandemente reduzidas.

Não conhecemos a rendição nem a capitulação, conhecemos apenas o cumprimento do nosso dever para com o Führer, o povo e a Pátria. A vida e a morte do nosso Führer obrigam-nos a uma obediência fanática e a um compromisso com a ideia nacional-socialista.

"O trabalho e a missão de Hitler são um legado sagrado para as gerações futuras. Nós, que ainda estamos vivos, temos o dever de continuar a lutar." Marechal de Campo Schörner.

de: *NS KAMPFRUF* #25, março-abril 1978 (89)

Adolf Hitler:

Líder do auto-sacrifício

por Michael Storm

O nacional-socialismo, como qualquer movimento revolucionário, é alimentado pelo auto-sacrifício. O nosso movimento é único porque o nosso líder não só deu o exemplo de auto-sacrifício durante a luta pelo poder político, mas porque o fez durante toda a sua vida.

Ainda jovem, Hitler deixou a sua pensão de órfão à sua irmã mais nova, Paula, e partiu sozinho para sobreviver num mundo hostil, onde o pão de cada dia tinha de ser ganho com dificuldade. Este exemplo precoce de dar prioridade às necessidades dos outros em detrimento das suas próprias necessidades manteve-se ao longo da sua vida.

Durante a Primeira Guerra Mundial, Hitler partilhou a miséria dos soldados comuns. O seu regimento sangrou até à morte na frente. À medida que as forças do regimento diminuían, era exigido mais de cada homem. Nunca ninguém fez mais do que Hitler. Ofereceu-se sempre como voluntário para tarefas especiais, assumiu as missões mais perigosas e escapou por pouco à morte dezenas de vezes. Parecia trazer a vitória à Alemanha apenas com a sua vontade. Quando chegou a altura de tirar um merecido descanso e umas férias, recusou, deixando esse descanso a um homem casado para que pudesse passar algum tempo em casa com a sua família.

Após a punhalada nas costas e a humilhante derrota da Alemanha, Hitler fez o voto de dedicar a sua vida à ressurreição da Alemanha e à anulação do Tratado de Versalhes. Durante esses anos de luta, passou por dificuldades ainda maiores do que na sua juventude.

O seu vestuário era tão pobre que um membro do partido teve de doar um fato ao Führer para que ele pudesse ir a uma reunião de dirigentes industriais. Não só viveu de forma tão modesta para que cada cêntimo pudesse ir para a luta, como também teve de desistir do seu grande sonho (ou assim pensava na altura) de se tornar artista ou arquiteto.

Os sacrifícios materiais não eram a única coisa que o partido exigia ao seu líder. Hitler queixava-se frequentemente de não poder desfrutar da casa acolhedora e da prosperidade da sua família porque não podia casar, pois estava casado com toda a Alemanha. Pior ainda, nunca conheceu a alegria de ser pai, porque isso teria sido injusto para os seus filhos, uma vez que a tarefa de seguir as suas pisadas, por exemplo, teria sido um fardo demasiado pesado para eles.

Com a guerra a chegar à Alemanha, o Führer teve de desistir do seu sonho de reconstruir as suas cidades. Vestiu então o seu uniforme e recusou-se a tirá-lo até que a vitória fosse alcançada. Trabalha sem parar e a sua carga de trabalho aumenta. O seu quartel-general, a "Toca do Lobo", em Rastemburgo, situava-se numa floresta pantanosa, onde fazia demasiado calor no verão e demasiado frio no inverno. O seu pessoal considerava um trabalho sem alegria e mal podia esperar que ele fosse transferido para Berlim ou Paris, deixando o Führer para trás - lutando pela Alemanha sem qualquer

entretenimento, luzes brilhantes ou os doces frutos da vitória.

No Führerbunker, na primavera de 1945, o Führer desaparecia por alguns minutos durante as reuniões militares para admirar as maquetas das cidades nacionais-socialistas únicas que sonhava construir depois da guerra, mas que sabia muito bem que não seriam construídas durante a sua vida.

Durante a saraivada de bombardeamentos soviéticos sobre a cidade, disse ao General Leon DeGrelle das Waffen SS que, se tivesse tido um filho, teria querido que ele fosse como DeGrelle, mas que agora cabia a ele e a Hans-Ulrich Rudel inspirar a futura juventude alemã com o seu heroísmo. O Führer disse que faria o derradeiro sacrifício pela Alemanha e não fugiria, mas lutaria contra o inimigo até ao fim e depois privaria os democratas e bolcheviques da sua alegria judaica, não só para o levar a julgamento, mas também para mutilar o seu corpo, e assim lutou até que os "Untermenschen" estivessem a poucos metros de distância e depois subiu ao Valhalla.

Adolf Hitler foi um homem que se sacrificou a si próprio, aliás toda a sua vida, pelo seu povo. A grande virtude é uma característica essencial do nacional-socialismo, tal como o sacrifício de uma única pessoa pela grande causa. É por isso que um nacional-socialista conta mais do que uma centena de democratas ou republicanos. É isso que nos torna tão fortes e tão temidos.

Quando era um jovem sul-africano, costumava trabalhar 48 horas por semana numa fábrica, doar todo o meu salário ao partido, manter a sede do partido limpa, fazer o trabalho de secretária, recolher assinaturas para petições, cozinhar refeições, dar entrevistas na televisão e, ocasionalmente, divertir-me numa luta de rua com a escória da terra. A maior parte dos chamados nacional-socialistas de "bom tempo" eram difíceis de encontrar quando se tratava de fazer trabalho ou de doar dinheiro. Por isso, não me surpreende que não tenham sido expulsos do movimento por ameaças de morte ou de bomba, mas porque não estavam suficientemente empenhados no nacional-socialismo. Queriam "divertir-se" e fazer dos outros camaradas vítimas. Estes zangões abandonaram o partido com relativa rapidez e, de cada vez que isso acontecia, ficávamos mais fortes.

Comparado com o sacrifício do Führer, o meu dinheiro, o meu suor e o meu sangue são ofertas insignificantes. No entanto, o nosso movimento está hoje repleto de camaradas cujos sacrifícios os tornam heróis: verdadeiros nacional-socialistas como Reinhard Sonntag, que teve de dar a vida há alguns anos, e Gottfried Küssel, que passou dois anos na prisão (e ainda tem mais oito anos pela frente), bem como muitos, muitos outros que não podem ser mencionados aqui por razões de segurança e sem os quais não estaria a segurar este jornal nas suas mãos e a ler este artigo.

Nós, nacional-socialistas, só julgamos um homem ou uma mulher por uma coisa: o quanto eles se sacrificam pela nossa vitória. A sua inteligência (ou o que pensam que são), a sua riqueza, a sua pretensão de serem bons lutadores ou a quantidade de cerveja que sabem beber, nada disso significa nada... apenas o quanto uma pessoa dá de si própria!

Cada um de nós - incluindo eu e tu - deve colocar a si próprio esta importante questão!

Heil Hitler!

O início

A fúria de uma batalha estrondosa grassa pela Flandres. Através da Flandres geme o grande moribundo. A morte blindada está à solta! A terra rasgada treme na batalha defensiva de 1918. O fogo rola sobre funis e fossos. As tropas inglesas fracassam no ataque às alturas de Moche, perto de Comines. As ondas de tempestade americanas desmoronam-se sobre as poucas rochas do campo cinzento da vontade defensiva. Os esquadrões de tanques correm até à morte nos penhascos do heroísmo alemão.

Através do rugido das metralhadoras, os obuses ladram, os canhões batem, as minas rugem, os feixes de fogo das esquadrilhas aéreas abatidas batem. O sangue fertiliza a terra, que cheira a vapores de pólvora e na qual os mortos já não encontram a paz da morte. A partir de hecatombes de vítimas, o destino amontoa um monumento de heroísmo e a agonia macabra de uma humanidade quase desesperada.

Um mundo tinha conspirado em ódio. Destruição! Destruição! rugem dos canos quentes dos seus canhões...

Era a frente!

Espalhados em funis e buracos de trincheiras, jazem os heróis da Lista do Regimento, em M.-G.'s, com espingardas, pressionando-se nos sulcos da terra revolvida; sangrando, mas ainda lutando, amaldiçoando, mas não cedendo!

A noite de 19 de outubro de 1918 desce sobre a Flandres, uma terra dorida como a morte, mas a morte ainda não está a dormir. Continua a acender-se, vermelho-amarelado e rugindo, o fogo furioso da batalha material. As tropas estão exaustas, molhadas e incrustadas de lama, cansadas e famintas. Homens dispersos saem das trincheiras alemãs e caminham apressadamente de funil em funil para a retaguarda: Essenholer! E o inimigo redobra o fogo.

Três mosqueteiros, sinaleiros do estado-maior do regimento, estão a perseguir a morte. Algures na parte de trás do terreno está o abrigo de artilharia abandonado. É onde é suposto estarem as cozinhas de campo. Saltamos através de uma saraivada de fogo de ferro.

Os foguetes coloridos surgem por entre as frentes. Por fim, deparam-se com caixas de cartuchos e cestos de cartuchos vazios. À sua frente, o bloco de um bunker. Os utensílios de cozinha fazem barulho. O abrigo da cozinha de campanha é alcançado. Os três mosqueteiros respiram de alívio!

Mas as baterias inimigas estão de novo a disparar. Golpe após golpe, os relâmpagos abrem fontes de terra. Detritos de madeira e de ferro rodopiam da lama e chocam contra o teto do abrigo. Um quarto de hora passa após um quarto de hora. É impossível regressar agora. Os soldados agacham-se à espera no bunker. E, à direita e à esquerda, à frente e atrás deles, o efeito da mais cruel tecnologia de destruição está a assolar um banho de aço. Três mosqueteiros bávaros estão fechados num buraco no chão pela arbitrariedade dos canhões e as suas vidas já não dependem dos seus actos de coragem e da sua própria vontade, mas apenas da futilidade do acaso e do cumprimento do dever por parte de alguns dos artilheiros na retaguarda das baterias alemãs que estão a combater o inimigo inglês.

Essas horas, nas frentes da guerra mundial, exigiam homens inteiros. E mesmo que

algumas pessoas sentissem horror e desespero, aqui, no abrigo semi-enterrado perto de Moche, na Flandres, na noite de 19 de outubro de 1918, estava sentado um homem que tinha dominado esse desespero, o soldado raso, o mensageiro, o homem pensativo, o bom camarada. Conquistou dentro de si aquilo que por vezes fazia tremer os outros. Já estava no terreno há quatro anos, aqui na Flandres passou uma vez pelo batismo de fogo e, desde então, atravessou as dificuldades e a morte na voluntariedade do seu heroísmo. Bayernwald, Wytschaete, La Bassée, Fromelles, Somme, Bapaume, Soissons, La Fontaine, foram batalhas difíceis que ele viveu. Quando todos desesperavam, ele mantinha-se de pé; quando os outros praguejavam, ele calava-se. Quando eles caíam exaustos, ele cumpria o seu dever, sim, mais do que isso: defendia os seus camaradas e enfrentava a morte de aço no lugar deles, no inferno da batalha. Os sinaleiros do estado-maior do regimento conheciam os seus apelos - para a frente - para a frente, quando as ordens tinham de ser transmitidas por barragem. Quando ele começava a saltar, recuando da cobertura da destruição frenética: "Vamos!", a sua voz soava firme. Parecia não ter nervos e, quando os outros perdiam a coragem, ele olhava-os com os seus grandes olhos claros, e eles acalmavam-se e continuavam a lutar.

Quando passava as raras horas de descanso com eles atrás da frente, falava com entusiasmo de um amor que se chamava Vaterland! Falava da evidência da vitória e do destino que a Alemanha teria um dia, porque tinha um destino atrás de si que não precisava de ter.

Não o compreendiam, abanavam a cabeça quando ele falava assim. Mas, apesar disso, sentiam algo como uma nova grande verdade nas suas palavras. Assustava-os, deixava-os desamparados e fazia-os rir.

"Um dia - muito mais tarde - compreender-me-ão!", dizia ele. O alarme, a ordem para uma nova deslocação, punha muitas vezes fim a essas conversas, e então o cabo, o sinaleiro, afastava-se em fila.

Agora, os três estavam aqui sentados no abrigo em ruínas. As horas passavam e as dificuldades não tinham fim.

Depois, de repente, há muito esperada, a luz de fogo de uma granada moribunda entra no bunker. A detonação empurra as pessoas para o chão, remexe a terra, paralisa em choque. Um tiro direto morreu à entrada do abrigo. Tudo aconteceu num instante.

Depois, a crueldade mais diabólica da guerra da nossa era civilizada, afasta-se em nuvens invisíveis: gás!

Enquanto nas trincheiras à nossa frente se desenrola um novo ataque, aqui, na casamata, os homens lutam contra a morte corrosiva que lhes corrói os pulmões e os olhos. O ataque está a rufar na frente. A noite passa sem parar na casamata...

o amanhecer, um soldado raso tropeça no campo de batalha desta batalha. Alguns dias mais tarde, um comboio-hospital dirige-se para casa. No vagão, ao lado de combatentes baleados e cansados, encontra-se um soldado cego, o sinaleiro de ontem, o... a pensar.

Ele, que na imensidão das batalhas não podia ver mais longe com os seus olhos são do que a sua secção da trincheira e o miserável campo de funil em que a morte tinha tentado em vão arrancar-lhe a vida e as ordens para as tropas em luta, agora - um cego - torna-se vidente. É noite à sua volta, mas no seu coração brilha a chama do devir sagrado, e ele - o cego - vê agora com a máxima clareza, à luz desta chama, a extensão infinita de um acontecimento mundial que começou com sangue e terminará com sangue. Ele vê o desejo fatídico do seu povo, vê a agonia e a miséria de um mundo inteiro. Sim - ele vê o

caminho da redenção!

E enquanto a baba vermelha salpica o brasão do império, enquanto o motim rasga os farrapos da cobardia, amadurece neste homem uma vontade: o sangue desta guerra não terá corrido em vão. A coroa de glória de uma vitória *melhor*, a Alemanha prendê-la-á um dia nas novas bandeiras do seu novo povo!

Foi este o juramento silencioso de um soldado cego, e assim começou a história do movimento nacional-socialista, a 9 de novembro de 1918, no hospital militar de Pasewalk.

Um homem saiu daqui e tornou-se baterista e onde quer que formasse novos alemães a partir das pessoas, estas levantavam os braços em sinal da sua nova fé, tal como os antigos levantavam as suas lanças quando saudavam o duque, o líder.

- Kurt Jeserich

De acordo com informações de Ignatz Westenkirchner, camarada de guerra do Führer que regressou da América.

De: *Der Schulungsbrief*, março de 1934.

Adolf Hitler na guerra mundial

Relatório dos camaradas de frente do Führer 1914-1918

Em 10 de outubro de 1914, entrei em campo com o regimento "List", ao qual Hitler também pertencia, na Frente Ocidental. A Flandres foi o nosso primeiro sector de combate. Mas só em 1916, no meio das ferozes batalhas materiais, é que conheci pessoalmente Adolf Hitler. Nessa altura, ambos tínhamos saído ilesos da guerra. Uma noite, estávamos deitados juntos numa posição de tiro deserta, quando o inimigo disparou furiosamente e de forma selvagem. Depois deram-nos gás. O fogo de artilharia bateu na nossa posição durante toda a noite. Pensámos que tudo tinha corrido bem quando nos apercebemos de manhã cedo: Hitler tinha perdido a visão. Ele próprio disse que já não conseguia ver nada e colocou as mãos sobre os seus olhos doridos. Depois foi levado de volta para o hospital militar.

Lembro-me claramente de uma experiência que testemunha a coragem pessoal de Hitler durante a guerra. Foi perto de Epagny. Durante um avanço, Adolf Hitler teve de passar por uma encosta arborizada onde os franceses que tinham sido rebentados pelas tropas tinham ficado presos. Os seus capacetes estavam apenas a sobressair da borda dos buracos no chão. Adolf Hitler reconheceu-os através do seu vidro, sacou da pistola, fez sinal para a retaguarda com a mão, como se os seus camaradas viessem atrás dele, expulsou os franceses desorientados - doze deles - das suas posições e trouxe-os para o comando.

Adolf Hitler falava frequentemente sobre o futuro político da Alemanha nas suas horas de solidão. Acima de tudo, estava deprimido com a fragmentação estatal do Reich, o conhecido sistema multiestatal. Uma vez comparou a multidão de pequenos Estados alemães a pedaços de papel que tinha pendurado num cordel. Qualquer brisa, explicou, poderia varrê-los. No entanto, se as folhas individuais estivessem atadas num feixe, uma brisa forte não as poderia levar. Até os mais simples de nós perceberam o que ele estava a tentar dizer.

Ignaz Westenkirchner

Na batalha material

O Exército Ocidental receberá reforços de tropas, uma vez que foram libertadas unidades substanciais no Leste. Apenas aqueles que aqui se encontram há anos, no fogo de tambor das batalhas materiais, aqueles que, incrustados de lama seca e sangue, sentem a picada nos pulmões que vem do gás, e que dia após dia - as feridas rasgadas por estilhaços mal têm cicatrizes - correm com a morte através das cortinas de fogo de lanças e bebem avidamente uma boca cheia de água de café ou pegam numa côdea seca de pão

para o melhor bolo.

O Regimento de Infantaria de Reserva 16, chamado "Lista", da 6ª Divisão de Reserva da Baviera, está a combater em Soissons, apesar de não ter efectivos, de estar enfraquecido pelo sangue e pelas munições, de não ter roupa lavada há sete semanas, de se ter esgotado em grandes marchas e de, encharcado pela chuva, desejar ser deixado em paz. Estão de facto exaustos, mas são de facto uma reserva atrás da ala direita do 7º e do 1º Exércitos.

E, na realidade, na noite de 26 de maio, estavam na linha da frente devido à sua aproximação a uma viragem à direita e deviam agora rolar o inimigo. Da Ailette, olham para o Aisne. O seu comandante chama-se Anton van Tubeuf e é major. É o nono chefe deste regimento e lidera agora o "Lister" durante cinco dias, levando consigo as outras unidades da divisão através do famoso e célebre Chemin des Dames.

Todo o regimento espirra enquanto corre e luta, pois o gás com que a artilharia disparou cobre pesadamente o solo. Há montanhas íngremes, alturas escarpadas e campos de dança de bruxas cobertos de estilhaços e fogo, com raízes e ramos de árvores retalhados espetados na terra queimada pelas cinzas. É preciso caminhar sobre os lançadores de minas, as metralhadoras, as munições, para os colocar em posição. E aqui todo o ar está constantemente a rugir, a assobiar e a zumbir com ferro em brasa de todos os tamanhos e pedaços. Não se fala de linhas telefónicas do estado-maior regimental para os batalhões e entre eles. No domínio da transmissão de comandos, o sinaleiro reina supremo. Com uma certeza quase onírica, ele corre e salta para fora do funil e avança, ofegante, sobre buracos, vigas e cadáveres, entre os impactos de imponentes fontes de aço, fogo, terra e nuvens de fumo, no zumbido infernal do enxame de vespas dos obuses de aço. Se ele não conseguir fazer chegar a sua mensagem ou a sua ordem ao homem certo, através da confusão ardente da morte, então toda a liderança é posta em causa, e a vontade férrea desta cunha de combatentes cambaleantes que avançam desfaz-se em ineficácia. Juntamente com os líderes, ele carrega agora o destino e o resultado desta batalha na sua cabeça, no seu bolso, na sua destreza e na sua coragem.

Durante cinco dias, a guerra selvagem assola em todas as suas manifestações e - como tantas vezes e com que frequência então - o repórter mais incansável, mais corajoso, mais destemido do regimento corre, salta, relata, recebe, corre do estado-maior para o topo, do batalhão para o comandante.

E, ao fim de cinco dias, o regimento tinha cercado a frente inimiga com 23 quilómetros de largura a partir do flanco, avançou impetuosamente e, tanto quanto se pode contar, capturou 400 prisioneiros, 16 canhões, 100 metralhadoras, 4 veículos motorizados, 15 vagões de munições e um acampamento de engenheiros.

"Para além dos feitos de cada um dos líderes, o principal mérito pela esplêndida execução do ataque deve ser atribuído aos despachantes do regimento", disse o comandante do R.I.R. 16, conhecido como "List", Anton zu Tubeuf.

A 1 de junho de 1918, o regimento é honrado com a atribuição ao seu comandante da Ordem Militar de Max Josef. E a 4 de agosto, o novo Max-Josef-Ritter von Tubeuf coloca a Cruz de Ferro de 1ª Classe no peito do soldado Adolf Hitler, a mais alta e mais rara distinção atribuída a um homem nas trincheiras.

W. L. Diehl

Atingido diretamente no posto de comando

Por volta do meio-dia, os sinaleiros dão a nova ordem de ataque. Adolf Hitler está lá novamente, destemido e incansável no cumprimento do seu perigoso dever. Muitas vezes, voluntaria-se para fazer as caminhadas mais difíceis por um ou outro dos seus camaradas, diretamente para as linhas da frente fustigadas pela saraivada de balas.

À 1h30 da manhã é lançado o segundo ataque com apoio de artilharia. As perdas sofridas pelos que avançam em terreno aberto são novamente terríveis. Apenas alguns conseguem penetrar nos primeiros fossos inimigos com as baionetas nos punhos, fazer prisioneiros, e é tudo o que acontece. O segundo batalhão tenta em vão vir em auxílio dos seus camaradas que se precipitaram. O chefe, o tenente da reserva Schubert, cai durante o primeiro assalto.

Agora, o comandante do regimento, o tenente-coronel Engelhardt, dirige-se pessoalmente para o extremo norte da floresta. Com os seus binóculos, orienta-se sobre a situação e procura o local mais favorável para penetrar no inimigo. Mas os olhos atentos já o viram. Os tiros de metralhadora estalam em direção a ele, rasgando os arbustos à direita e à esquerda, esmagando os troncos, ricocheteando no ar. Adolf Hitler e o soldado Bachmann saltam para a frente e cobrem-no com os seus corpos. O comandante, que tinha sido impedido de vigiar, pergunta a Hitler com espanto: "Porquê?" - "Não queremos perder o nosso comandante de regimento pela segunda vez", é a resposta modesta. O comandante agradece-lhe com um aperto de mão silencioso, como se fosse uma coisa natural.

17 de novembro: atividade de artilharia do inimigo. Há meia hora, o comandante da brigada, Excelentíssimo Grossmann, deu pessoalmente a ordem de socorrer o Regimento da Lista, que se tinha esvaído em sangue. "Certifique-se de que regressa", disse ele ao tenente-coronel no final. Alguns dos comandantes de companhia já chegaram ao quartel-general do regimento para receber esta ordem. Por falta de espaço, Adolf Hitler e os seus camaradas tiveram de abandonar o abrigo por um curto período de tempo. Depois - pouco depois das duas horas - volta a assobiar. Um tremendo estrondo - um impacto direto no centro do posto de comando do regimento.

Adolf Hitler é um dos primeiros a acorrer para ajudar. A visão diante dele é horrível.

O sargento telefónico Kreitmaier, o suboficial Wimmenauer e um oficial de comando jazem mortos sob os escombros. Gravemente feridos estão o guarda Ostberg, o oficial de comando do regimento, os suboficiais Oberer e Martin. Os seus olhos continuam a procurar o idolatrado comandante. Estará ele também morto? Depois, vê o tenente-coronel cair para trás com um gemido e ouve-o murmurar: "Eu só queria servir o meu país!"

Adolf Hitler está ao seu lado num salto. O camarada Bachmann também. A mão esquerda do comandante pende mutilada, a perna direita está vermelha de sangue - um estilhaço perfurou a artéria principal, a perda de sangue é grande, só uma ajuda rápida pode salvar o dia. Hitler não pensa duas vezes, vai buscar rapidamente uma bola de musgo, coloca-a à volta da perna, por cima da ferida profunda, e envolve-a com fio telefónico para estancar a hemorragia. Funciona, a ligadura de emergência é hábil e cumpre o seu objetivo.

Um camarada de regimento

O sinaleiro

Durante a noite, tive de visitar duas vezes o III Batalhão, que se encontrava na secção sul de Roeux, com relatórios. Fui acompanhado por Hitler, o oficial de informação. Pudemos utilizar o corte do caminho de ferro de Biache como cobertura de boas-vindas durante um pequeno trecho. Em breve, porém, tivemos de o deixar e avançar para terreno aberto. O caminho levou-nos a passar por dois canhões avançados. Assim que nos aproximámos deles, o inimigo recebeu-nos com um fogo assassino. Apercebemo-nos imediatamente de que tínhamos sido apontados. É claro que este desperdício de munições não se dirigia apenas a nós, mas sobretudo aos canhões, que o inglês deve ter suspeitado de uma atividade especial naquele momento. Se eu estivesse sozinho, ter-me-ia abrigado sem hesitar. Ninguém me pode censurar por isso. O relatório a fazer não fazia referência aos combates dos batalhões destacados. Se tivesse chegado uma ou mais horas mais tarde, não teria feito o menor mal. O meu companheiro tem uma opinião diferente. Tentou sair rapidamente do caldeirão da bruxa, sem a menor demora, aproveitando, evidentemente, todas as possibilidades de proteção.

Era frequente os repórteres terem de se deslocar em campo aberto, sob o mais forte fogo inimigo, ao passo que tal deslocação era nova para mim, apesar dos meus anos nas trincheiras. Claro que não podia ser demasiado tímido e tinha de o seguir. E foi bom. Ambos saímos da zona de perigo com a pele intacta.

Quando regressámos, mal nos tínhamos aproximado das armas, o feitiço do inimigo recomeçou. É claro que também neste mês de maio não havia como parar e chegámos ao corte protetor da linha férrea sem qualquer dano, embora a pingar de suor.

Nos dois períodos operacionais subsequentes da Batalha de Arras, o sinaleiro Adolf Hitler foi-me atribuído várias vezes como escolta, e de cada vez escapámos ilesos.

Durante esses dias, tive a vaga sensação de que aquele repórter era particularmente sortudo, e era mais natural que eu também pensasse que corria menos perigo na sua companhia.

Relatório de um camarada da linha da frente

O soldado desconhecido

Durante o discurso do comandante - que falava da situação e da expansão da posição - a cortina abriu-se e Hitler entrou, apresentou os seus cumprimentos da melhor forma possível, dada a baixa altitude da gruta, e entregou-lhe um relatório escrito. O comandante folheou-o sem interromper o seu discurso e fez sinal ao sinaleiro para que se fosse embora. Mas quando a cortina se fechou atrás dele, o major interrompeu o seu discurso e, imediatamente a seguir, levantando a voz e apontando para a entrada, disse: "Se eu enviar este despachante, sei que a missão será cumprida tão bem como pelo melhor oficial do meu regimento."

Ficámos compreensivelmente surpreendidos com este elogio. Se o Major von Tubeuf já era conhecido há muito tempo como o chefe que só muito raramente fazia elogios modestos, este elogio devia ser valorizado de uma forma muito especial, pois era para um soldado de quem o comandante dificilmente poderia saber o nome.

Tenente Adolf Meyer

de: *SS Leitheft*, número 12, 1943

Uma confissão

Acreditamos em Adolf Hitler,
o líder imortal do nosso povo,
dom único de previsão,
a maior personalidade de todos os tempos,
Vive nos nossos corações hoje e sempre.

Acreditamos na sua causa sagrada,
Chamado *New Order*,
o cumprimento do destino ariano
de acordo com as leis eternas da vida,
a esperança e o futuro da nossa espécie na Terra.

Acreditamos no seu movimento,
os seus seguidores leais e indivisíveis,
que leva o seu nome
como um instrumento da sua vontade,
consagrada por heróis e mártires
- *o caminho eterno para a salvação.*

HEIL HITLER!

Pensem nisso!

por Adolf Hitler (1923)

Quando a tua mãe envelhece
E tu envelheceste,
Se o que costumava ser fácil e sem esforço,
tornou-se agora um fardo,
Quando os seus olhos queridos e fiéis
Já não vejo a vida como antes,
Quando os seus pés cansados
Já não quero carregá-los quando ando a pé -
Depois, estende o braço para a apoiar
Acompanhá-los com alegria e prazer
Chega a hora de chorar por ela
deve acompanhar-vos até ao último corredor!

E se ela te perguntar, responde-lhe,
E pergunta-lhe outra vez, tu também falas!
E pergunta-lhe outra vez, responde-lhe,
Não de forma impetuosa, com uma calma suave!
E ela não o consegue entender muito bem
Explicar-lhe tudo com alegria;
A hora está a chegar, a hora amarga,
Já que a boca dela não te pede mais nada!

NS Kampfruf #89, maio-junho 1991 (102)

O camarada

por Adolf Hitler (14 de agosto de 1916)

Quando um de nós se cansa,
O outro vigia-o.
Se um de nós quiser duvidar,
O outro ri-se de repente.

Se um de nós cair,
O outro representa dois;
Porque cada lutador tem um deus
Os camaradas de

Foi na mata do Artoiswaldes

por Adolf Hitler

Flandres - em Artois, primavera de 1916
Baseado numa história verídica

Foi no meio do mato da floresta de Artois...
nas profundezas da floresta, em solo encharcado de sangue,
estava estendido um maravilhoso guerreiro alemão
E os seus gritos ressoaram na noite.
Em vão... Nenhum eco fez soar o seu sinal de alarme...
Deveria sangrar até à morte livremente como num jogo,
Que morre ferido pela solidão?

E de repente...
Passos pesados aproximam-se pela direita.
Ele ouve-os a pisar o chão da floresta...
E uma nova esperança brota da sua alma.
E agora da esquerda...
e agora de ambos os lados...

Dois homens aproximam-se do seu leito de dor
É um alemão e um francês.
E ambos olham um para o outro com um olhar feroz
E, de forma ameaçadora, seguram as suas espingardas a postos.
Pergunta o guerreiro alemão:
"O que estão a fazer aqui?"
"Fiquei impressionado com o pedido de ajuda do homem mais pobre."
"É o vosso inimigo!"
"É uma pessoa que sofre!"

E ambos baixam as suas espingardas sem palavras.
Depois entrelaçaram as mãos
E ergueu-se cuidadosamente com músculos tensos
O guerreiro ferido, como se estivesse numa maca.
E carregaram-no juntos pela floresta,
Até chegarem à cadeia de postos alemães.
"Agora está feito. Aqui está o seu chapéu leal".

E o francês vira-se para a floresta.
Mas o alemão agarra-lhe a mão,
Olha para os seus olhos perturbados
E diz-lhe, com uma seriedade que pressagia:

"Não sei o que o destino nos reserva,
Que reina indecifrável nas estrelas.
Talvez eu caia, vítima da tua bala.
Talvez o meu vos estique até à areia -
Porque as batalhas são indiscriminadas,
Mas seja como for e aconteça o que acontecer:
Só vivemos as horas consagradas,
Desde que o homem se encontrou no homem...
E agora adeus! E que Deus vos guie!"

Heroísmo silencioso

por Adolf Hitler
Pasewalk, 2 de novembro de 1918

Na luz semeando, descansando tranquilamente
Guerreiros feridos mortalmente que emergem de batalhas quentes
As marcas sangrentas da destruição trazidas;
Mas salvo da saraivada de ferro.

E silenciosos e sérios, acorrentados ao seu dever,
Mãos femininas suaves e carinhosas
Os guerreiros agradecidos, que no final
Já está a apostar na vida com a morte.

No seu cuidado fiel como saudável
Todos os corações e todas as feridas profundas,
Quando os olhos frequentemente cansados parecem amigáveis.

Sim, é assim que são as nossas verdadeiras mulheres alemãs.
Vêm os seus entes queridos partirem para sempre
E dedicam agilmente as suas vidas ao sofrimento de outras pessoas.

Cemitério de honra da floresta em Passadiço

por Adolf Hitler
Pasewalk, 11 de novembro de 1918

Merece-o por nós,
Que o enterremos lá,
Onde os carvalhos alemães dão sombra à tua sepultura.
Ela, o símbolo da liberdade, da força e da vida
Ser a joia mais bonita
Dado à volta da tua sepultura.
Na floresta alemã, onde vive o espírito alemão,
O bosque tranquilo onde se descansa em paz,
Milhares de pessoas honrá-lo-ão daqui a mil anos,
Vamos para as profundezas da floresta,
Vamos para onde estão as vossas sepulturas,
Depois inibimos o passo,
Porque falas com todos nós,
Assim, vives para sempre quando o teu corpo já há muito se decompôs.

No rádio

por Adolf Hitler
Flandres, 29 de julho de 1917

A noite é negra, o vento sopra suave e gentilmente
Através dos ramos, reina uma calma profunda em redor!
De longe, as máquinas gemem ao ritmo.

Os camaradas dormem na tenda ao lado
E sonham com os seus entes queridos em casa,
Só eu, sozinho, a vigiar o aparelho
E ouve a sala de combate.

Então sento-me toda a noite e espero
E sentir uma profunda sensação de felicidade no dia seguinte,
Quando a equipa de reconhecimento me informa através do canal de comunicação,
Tinha regressado ileso de uma ação inimiga.

"Azul branco e preto e branco vermelho"

por Adolf Hitler
[Frente Ocidental], 4 de agosto de 1917

Cercado pelo exército inimigo,
Inúmeras como as areias do mar,
O francês, Ruß' e Britt,
Os pequenos ladradores com.

E nós - numa batalha acesa
Nós vigiamos a bandeira
Fiel até à morte
Azul-branco e preto-branco-vermelho

Milhões de pessoas estão revoltadas,
E não derrubes a torre,
Eles arrastaram ajudantes para aqui,
Do Mar Vermelho ao Mar Amarelo.

Mas maravilhosamente desafiadora e forte,
O relógio na nossa medula,
Fiel até à morte
Azul-branco e preto-branco-vermelho.



**Hundreds of books
Translated from the
Third Reich originals!**

**RJG Enterprises Inc.
PO Box 6424
Lincoln NE 68506 USA
www.third-reich-books.com**